



Ministério

Adventista



Julho-Agosto de 1964



Pregação que Transforma

Nosso maior problema não é o liberalismo, nem mesmo a neo-ortodoxia; o que nos ameaça é uma aproximação sutil e objetiva à Bíblia, à teologia e à pregação em geral, que não se relaciona com o santo viver. Estamos muito ocupados com nossos esquemas denominacionais, com a atraente análise de livros e com nossos programas de memorização da Bíblia — todos excelentes em si e por si — mas, não obstante, estranhamente apartados da vida prática. Auditórios reúnem-se e ouvem semana após semana esta espécie de ensino, sem qualquer evidência de transformação de caráter ou de testemunho ungido pelo Espírito. À própria pregação falta misteriosamente a autoridade do Céu e a aplicabilidade ao nosso tempo que produz profunda convicção, arrependimento, fé e obediência. Jovens e idosos voltam das assim chamadas conferências bíblicas sem qualquer evidência de terem estado à presença de Deus. Oh, que Deus nos ensine que é tão importante ser espiritual como ser correto em nosso trato com a Bíblia, tão vital ser obediente como ser ortodoxo, e que o propósito da revelação é nada menos que a transformação de vidas humanas!

ESTEVÃO F. OLFORD, em
Heart-Cry for Revival
(Fleming. H. Revell Company)



Ilustrações

Órgão publicado bimestralmente pela
Associação Ministerial da Igreja Adventista do
Sétimo Dia

Editado pela
Casa Publicadora Brasileira
Santo André, São Paulo

Diretor — Enoch de Oliveira
Gerente — Bernardo E. Schuenemann
Redator responsável — Naor G. Conrado

Colaboradores especiais:
J. J. Aitken e A. E. Schmidt

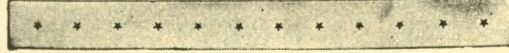
Brasil	
Assinatura Anual	Cr\$ 500,00
Número Avulso	Cr\$ 85,00
Estrangeiro	
Assinatura Anual	US\$ 2,00
Número Avulso	US\$ 0,35



Ano 30 Nº. 4

NESTE NÚMERO

PREGAÇÃO QUE TRANSFORMA	2
ILUSTRAÇÕES	
A Doutrina Antiga	3
A Graça Não se Compra	3
Desarmando o Inimigo	3
A Bandeira a Ser Levantada	7
EDITORIAL	
Extremos Censuráveis	4
ARTIGOS GERAIS	
Nossa Atitude em Face da Aproximação Entre Católicos e Protestantes	5
Cumprimento Profético nos Acontecimentos em Curso	8
OBRA PASTORAL	
O Ministro e sua Relação para com os An- cíãos Locais	12
A Eloquência Disponível	14
PESQUISA — TEOLOGIA, HISTÓRIA, CIÊNCIA	
Cristo Nosso Senhor	15
Diversos Conceitos Sobre a Lei	17
EVANGELISMO — ALMAS PARA DEUS	
A Espósa do Evangelista	19
PERGUNTAS SOBRE DOCTRINA	
Princípios Básicos de Interpretação Profética	22
NOTÍCIAS — DA IMPRENSA	24



A Doutrina Antiga

Em Cudham, Kent, Inglaterra, há um templo muito antigo. Passando por êle um dia, notei que parte do teto estava desabando e era necessário escorá-lo com vigas. Quando me aproximei para examiná-lo bem, descobri que não era a parte antiga do edifício que estava caindo, mas sim a nova.

Não há necessidade de ter cuidado com as doutrinas antigas do cristianismo. São as doutrinas modernas que se desmoronam, ao passo que o Evangelho permanece para sempre. — *Escolhido.*

A Graça Não se Compra

Em Cuba, durante a guerra hispano-americana, Teodoro Roosevelt, então coronel do exército norte-americano, foi aos escritórios da Cruz Vermelha com a intenção de comprar algumas coisas que desejava repartir entre alguns de seus soldados que haviam sido feridos.

A encarregada da Cruz Vermelha recusou vendê-las. Roosevelt indignou-se com a negativa, pois estava disposto a pagar o que quer que fôsse, e perguntou à senhorita:

- Que devo fazer para consegui-las?
- Apenas tem que pedi-las, respondeu ela.
- Ah, se é assim — disse sorrindo o coronel — suplico-lhe que mas dê imediatamente.

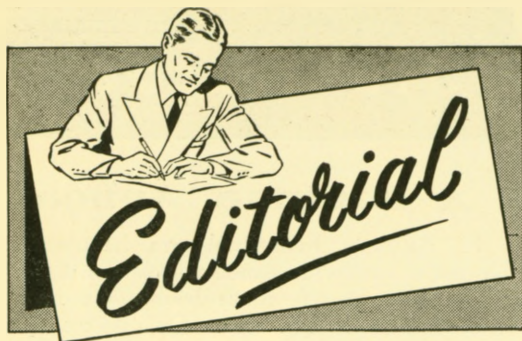
E recebeu tudo o que desejava, mas não por dinheiro, e sim por graça. — *Adaptado.*

Desarmando o Inimigo

Era Salvador de Mendonça diretor do jornal "A República", no Rio de Janeiro, quando o govêrno imperial, não obstante as suas idéias democráticas, o nomeou cônsul do Brasil nos Estados Unidos. Aceita a nomeação, foi o jornalista, nas vésperas da viagem, despedir-se do Imperador, e pedir as suas ordens para aquêle país.

— Não tenho ordens a dar-lhe — respondeu-lhe, benévolo, o soberano.

- E sorrindo:
- Apenas faço votos para que o senhor preste tão bons serviços ao Império, nessa República, quantos prestou à sua "República", no meu Império. — *Unitas.*



Extremos Censuráveis

ENOCH DE OLIVEIRA

Dois erros mui censuráveis têm sido perpetrados por muitos que foram chamados por Deus para o ministério da Palavra. São erros que, desafortunadamente, debilitam o poder da pregação e militam contra os triunfos da causa de Cristo.

O primeiro consiste no fato de alguns pregadores, fugindo ao dever e à responsabilidade de pregar o poder redentor de Cristo, em linguagem simples e compreensiva, transformarem o púlpito em uma tribuna comum para uma exibição pedante e sofisticada de uma cultura livresca.

Com efeito, o púlpito não é o lugar próprio para exposições culturais, nem mesmo para o emprego de uma linguagem erudita, que esteja acima da capacidade perceptiva e assimilativa dos ouvintes. Ao revés. É uma tribuna através da qual nos é dado o privilégio de exaltar a Deus e magnificar a mensagem da cruz.

"Jesus — diz a irmã White — não usava palavras difíceis em Seus discursos; Servia-Se de linguagem simples, adequada ao espírito do povo comum. Não ia, no assunto que expunha, mais longe do que eles O podiam acompanhar." — Obreiros Evangélicos, pág. 165.

Paulo, o maior e mais erudito dos pregadores escreveu: "E eu, irmãos, quando fui ter convosco, anunciando-vos o testemunho de Deus, não fui com sublimidade de palavras ou de sabedoria. Porque nada me propuz saber entre vós, senão a Jesus Cristo, e Este crucificado." I Cor. 2:1-2. Na sua preocupação por instruir os conversos coríntios nos rudimentos da fé cristã, ele declarou logo depois: "Todavia falamos sabedoria entre os perfeitos; não porém a sabedoria deste mundo, nem dos príncipes deste mundo, que se aniquilam. Mas falamos a sabedoria de Deus, oculta em mistérios, a qual Deus ordenou antes dos séculos para nossa glória." I Cor. 2:6 e 7.

Anunciar, pois, "a sabedoria de Deus", pregar "as boas-novas da salvação", em linguagem simples, despreziosa, porém escoreita e elegante, eis a responsabilidade de todos quantos são chamados a pregar o evangelho.



Mas, insurgindo-nos contra a retórica pomposa e condenando a exibição vaidosa de conhecimentos universitários, denunciemos também o segundo erro, não menos ruinoso à obra da pregação: a negligência e o despreparo, tão evidentes na vida de muitos que pretendem falar aos homens em nome de Deus.

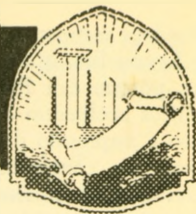
Certa vez João Wesley recebeu uma carta cujo autor com evidente atrevimento, assim se expressava: "Deus não necessita dos seus conhecimentos de grego e hebraico. Ele fará prosperar a Sua obra mesmo sem a sua cultura." A esta, Wesley respondeu dizendo: "Recebi a sua carta, e valho-me da oportunidade para dizer-lhe que o Senhor também não necessita de sua ignorância."

"É um fato lamentável que o progresso da causa seja prejudicado pela falta de obreiros educados. Muitos carecem de requisitos morais e intelectuais. Eles não exercitam a mente, não cavam em busca de tesouros ocultos. Visto que apenas tocam a superfície, adquirem unicamente o conhecimento que à superfície se encontra." — Obreiros Evangélicos, pág. 90.

Interpretando erroneamente certos textos da inspiração, alguns ministros são levados até a combater de maneira extremada o cuidadoso preparo, tão indispensável à realização de uma obra eficaz.

Pregadores de reconhecido talento desavisadamente seguem a Gregório Magno, que assim se expressou: "Não me esquivo ao solecismo, não evito a corrupção do barbarismo, não cuido de

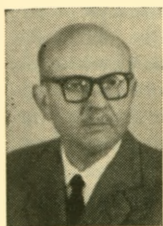
(Continua na pág. 18)



Nossa Atitude em Face da Aproximação Entre Católicos e Protestantes

PROF. VICTOR E. AMPUERO MATTA

Redator-chefe da Casa Editora Sul-Americana



O CHAMADO “espírito ecumênico” é hoje uma característica relevante na cristandade. Não se pode exagerar sua importância. É o motivo básico do Segundo Concílio do Vaticano, e seus ecos ressoam por todos os âmbitos do mundo acatólico.

A atitude de diversos representantes das igrejas anglicana, ortodoxa, luterana, metodista, dos discípulos de Cristo e de diferentes igrejas evangélicas nacionais, indica que essas importantes corporações religiosas vêem com simpatia uma aproximação de Roma.

Guiando-nos pela declaração movida pelo Espírito de Profecia, que nos apresenta uma “tríplice aliança” de católicos, protestantes e espíritas, interessa-nos a maneira em que se vão estreitando as distâncias entre católicos e protestantes.

Palavras-Chaves

Em 1648 assinou-se a paz de Westfália. Com ela terminou a guerra dos trinta anos, que foi a luta mais extensa e sangrenta entre católicos e protestantes. Hoje, as disputas de outrora estão sendo substituídas por uma nova corrente que encontra seu símbolo numa palavra muito simpática: reconciliação.

Existe até uma revista evangélica intitulada *Reconciliação*. Em sua páginas podem colaborar autores católicos. Seu propósito é ajudar nos esforços tendentes à união das igrejas cristãs. Seu título é muito significativo. Indubitavelmente, desperta sentimentos favoráveis não somente entre os cristãos, mas também nos que são indiferentes à religião, mas que apreciam o inegável valor humano do que significa uma reconciliação total e generosa.

Na cerimônia de sua coroação, Paulo VI expressou: “O papa, como a igreja, não se considera inimigo de ninguém. Não sabe falar outra linguagem senão a da amizade e da confiança”. Foi magnífico o eco despertado por esta declaração. As belas palavras “amizade” e “confiança” expressam sentimentos nobres e louváveis. São também “vocábulos-chaves” desta hora.

Numa mensagem de Paulo VI, dirigida às igrejas orientais separadas de Roma, em 18 de agosto último, dizia o papa: “Que nossa voz seja como uma trombeta angélica que declara: Vinde e que caiam as barreiras que nos separam. Expliquemos os pontos de doutrina que nos são comuns e que todavia constituem objeto de controvérsia, procuremos tornar único e solidário o nosso *Credo*, articulada e compaginada nossa união hierárquica. Não queremos absorver nem mortificar toda esta florescência de igrejas orientais, mas desejamos enxertá-las de novo na única árvore da única Igreja de Cristo. Este clamor torna-se em oração.”

“Caiam as barreiras que nos separam.” “Expliquemos.” São novas expressões que denotam boa vontade e cordura. Nada mais natural que explicar. Não obstante, Roma mantém sua posição de ser “a única Igreja de Cristo”. Estas palavras certamente são estudadas e analisadas pelos teólogos protestantes. Como reagirão? Têm que dar lugar a duas posições muito bem definidas: ou a união clara e franca, sendo absorvidos por Roma (uma Roma que só terá experimentado ligeiras modificações superficiais), ou a rejeição do convite. Quantos tomarão individualmente esta última decisão? Não podemos sabê-lo.

Nessa mesma oportunidade, Paulo VI afirmou que “todos somos um pouco surdos e um pouco mudos”, e acrescentou: “Que o Senhor

nos faça compreender a voz da História; Sua voz, o Evangelho, que deve ser nossa lei e nossa força, porque é a Palavra de Deus." Muitos católicos acolheram com apreço estas palavras que dão a impressão de uma culpa, já histórica, que deve ser compartilhada por todos os cristãos. Daí que se sintam impulsionados a fazer sua parte para remediar o que consideram um mal. E esse meio de reparo parecem encontrá-lo numa reaproximação.

Em 29 de setembro último, o papa se referiu aos "outros cristãos". Fê-lo num discurso dirigido aos participantes do Segundo Concílio do Vaticano. Num de seus pontos referiu-se particularmente aos "observadores" protestantes e ortodoxos, e disse: "Se alguma culpa nos pode ser imputada por esta separação, pedimos humildemente perdão a Deus e rogamos também aos irmãos que se sentem ofendidos por nós, que nos desculpem. Por nossa parte estamos dispostos a perdoar as ofensas de que a Igreja Católica tem sido objeto e a olvidar a dor que lhe tem produzido a longa série de dissensões e separações. Que o Pai Celestial acolha esta nossa declaração e faça que todos gozemos novamente uma paz verdadeiramente fraternal."

"Perdão" mútuo, "paz fraternal". São outras palavras relevantes do presente. Por certo, não há nada de mal nelas. Oxalá fôssem um indício da aproximação de todos em torno da verdade bíblica em seus aspectos mais amplos e completos.

Se Houvesse Verdadeiras Reformas ...

Como responderão os adventistas às perguntas que lhes façam outros cristãos no tocante ao espírito ecumênico e suas conseqüências? Que diremos ao nos interrogarem os que não têm religião alguma, mas encaram com simpatia a aproximação dos cristãos entre si? Que conselho daremos a nossos irmãos quanto à atitude que devem tomar nestes dias de acontecimentos assombrosos?

Não devemos opor-nos a um ecumenismo que se centralize em Cristo e Sua Palavra. Sem julgar os motivos que possam abrigar-se no coração e na consciência de católicos, protestantes e ortodoxos partidários de uma reaproximação como prelúdio de uma unidade posterior, bem podemos ressaltar um fato bem triste.

Subsiste o Abismo da Separação

Ao passo que se ouvem palavras muito amáveis para os "irmãos separados" e se exalta a liberdade religiosa, não há verdadeiras alterações de base na teologia e nas práticas da Igreja Católica. Pôsto que se efetuam modificações menores na liturgia e na disciplina eclesiástica, per-

manecem intatos os motivos básicos que provocaram os dolorosos episódios da separação entre os cristãos.

Enumeraremos alguns dos principais, que constituem um autêntico "abismo" entre católicos e acatólicos.

1. Segundo as Escrituras Sagradas, Cristo é o único intermediário eficaz para o ser humano (Rom. 8:34; Heb. 7:25; 9:24 etc.) A Igreja Católica, no entanto, acrescenta uma multidão de nomes de intermediários entre Deus e os homens. Na prática, embora não o ensine assim a teologia católica, a bem-aventurada Virgem Maria é considerada por muitos milhões de fiéis católicos como a intermediária mais eficaz nas vicissitudes e dificuldades da vida e a segurança máxima da salvação eterna para os que confiam nela.

2. Segundo as Escrituras Sagradas, é proibido fazer imagens ou representações de qualquer natureza, para render-lhes culto. Não obstante, lê-se no *Catecismo do Santo Concílio de Trento Para os Párocos*: "O pároco pois ensinará que não somente é lícito ter imagens na igreja, e dar-lhes honra e culto: pois toda a honra que se presta a eles, destina-se a seus originais; mas declarará também que assim se fez até agora com muito aproveitamento para os fiéis... Demonstrará igualmente que as imagens dos santos estão colocadas nos templos para que sejam adoradas, e para que nós, despertados por seu exemplo, conformemos nossa vida e costumes com os seus" (pág. 243, da edição castelhana de Valença, de 1782).

É uma lastimosa realidade que entre muitíssimos católicos, e em especial quando se trata dos que têm uma cultura menos elevada, a veneração das imagens e o culto que lhes é prestado nos dias especiais de festa, conduz a exteriorizações ligadas à idolatria. (1)

3. A existência do purgatório é estranha às Escrituras Sagradas. No entanto, é um dos ensinamentos mais difundidos entre os católicos. A idéia do purgatório resulta em que inúmeras pessoas vivam uma existência cheia de pecados, com a esperança de que se salvarão da condenação eterna por meio de um arrependimento oportuno, ainda que seja nos últimos instantes da vida, e que depois irão a um lugar de purificação onde suas almas ainda podem ser aliviadas pelos sufrágios de seus parentes e amigos.

Isto causa um duplo erro. Por um lado, está a pretensa intercessão feita neste mundo em favor dos que sofrem o castigo purificador do purgatório. Por outro lado, "as benditas almas do purgatório", como são chamadas, podem elevar suas preces a Deus em favor dos que militam neste mundo de lutas e dificuldades. Por isso há muitos que são "devotos" dessas almas

que serão bem-aventuradas quando saírem do purgatório para morar no Céu.

4. O dogma da infabilidade papal foi promulgado pelo Primeiro Concílio do Vaticano. Faz mais de 93 anos que se publicou esse dogma. Foi tremendo então o horror que causou entre os protestantes, de um modo geral, e entre os pensadores que não praticam religião alguma.

Parece que hoje esses mesmos protestantes esqueceram o assombro e escândalo de que foram objeto seus antepassados. Olham com simpatia para o papado, embora este afirme, vez após outra, que não haverá modificações fundamentais em seu credo.

Parece que alguns protestantes têm um véu diante dos olhos que os impede de ver a realidade de que Roma não muda nem *mudará*. Há pouco, o Dr. Martim E. Marty, teólogo e publicitário luterano, professor da Universidade de Chicago, instava com os seus partidários para que acelerassem o passo na senda das reformas e alterações benéficas, e afirmava que a Igreja Católica já lhes levava vantagem "em reforma eclesiástica e renovação".

Quão equivocado está o Dr. Marty! Para demonstrá-lo basta citar as palavras do cardeal Ernesto Ruffini, arcebispo de Palermo, proferidas em 2 de dezembro último: "Todos os padres do concílio têm por certo que Jesus Cristo fundou uma só Igreja, a Igreja Católica Apostólica Romana, cujo fundador e chefe, constituído por Jesus Cristo, é o sumo pontífice. A Igreja Católica é infalível e indestrutível. Nela varia, segundo as circunstâncias, só aquilo que por natureza é mudável."

Colocando de lado o que depende das "circunstâncias", podem ser esperadas alterações reais numa entidade "infalível e indestrutível"?

O abismo de separação existe; entretanto, "os protestantes dos Estados Unidos serão os primeiros a estender as mãos através da voragem para apanhar a mão do espiritismo; estender-se-ão por sobre o abismo para dar mãos ao poder roma-

no; e, sob a influência desta tríplice união, este país seguirá as pegadas de Roma, conculcando os direitos da consciência" (*O Conflito dos Séculos*, pág. 637).

Que Atitude Adotar?

Em nossa condição de pastores do rebanho de Deus, que atitude devemos adotar?

Há várias palavras que poderiam resumir a maneira em que devemos proceder em face da coalização de forças que se unirão para combater "os que guardam os mandamentos de Deus". Tais vocábulos são: Prudência, afabilidade, cortesia, tato, sagacidade, por um lado. As palavras de Jesus são bem claras: "Sede, portanto, prudentes como as serpentes e simplices como as pombas". É oportuna a admoestação do apóstolo Pedro: Estai "sempre preparados para responder a todo aquele que vos pedir razão da esperança que há em vós".

Por outro lado, precisamos de coragem (mas não temeridade), senso da premência do tempo em que vivemos (sem cair em precipitações inconvenientes) e também uma compreensão cabal de que nossa mensagem deve ser completa (o que não significa apresentar num momento inadequado alguma verdade que deva ser exposta doutra forma ou noutra ocasião).

Ai de nós se não anunciarmos a "verdade presente"! Não obstante, não devemos malograr algumas preciosas sementes de doutrina por nossa falta de tino. Permita Deus que sejamos guias sábios de nossos irmãos. Devemos ensinar-lhes, por preceito e exemplo, a imensa diferença que há entre o que sofre por sua própria culpa (I S. Ped. 4:15) e aquele que tem de sofrer "como cristão" (I S. Ped. 4:16). Deus nos dê Sua sabedoria e graça para que vivamos atinadamente a verdade nestes dias solenes e de oportunidades sem precedentes.

(1) Aludimos ao culto das imagens e não nos referimos à mudança do sábado para o domingo, porque estamos expondo pontos que deveriam separar os protestantes dos católicos, se os primeiros fossem realmente fiéis aos ensinamentos da Bíblia que reconhecem como vigentes.

A Bandeira a Ser Levantada

Numa reunião protestante realizada em Tóquio, as discussões se centralizaram em torno da Cruzada Cristã de Tóquio.

No seio daquele grupo particular não havia controvérsia, mas os pastores sabiam que alguns ministros vinham se opondo abertamente à Cruzada.

Subitaneamente um pastor se levantou, e disse: "Todos conhecemos perfeitamente bem a bandeira pessoal do imperador (*nishiki no mihata* — "honrosa bandeira brocada"). Sabemos que quando essa bandeira é levantada, todas as outras são baixadas."

E adicionou o pastor, aludindo à Cruzada de Tóquio: "Creio que, na Igreja, nossa *nishiki no mihata* é o evangelismo. Temos dentro da Igreja muitas bandeiras diferentes, mas, quando a "Bandeira do Imperador", que é o evangelismo, é levantada, devemos baixar as demais bandeiras perante ela, e nos reunirmos à sua sombra!" — *Transcrito*.

Cumprimento Profético nos Acontecimentos em Curso

R. ALLAN ANDERSON

Secretário da Associação Ministerial da Associação Geral



“NUM tempo como este em que o homem pode lançar-se no espaço e girar em torno do mundo todo, quão mais significativo é ver o mundo todo voltar-se para um homem — O papa João XXIII!”

Essa declaração feita por Fulton J. Sheon, bispo de Nova York, indica a posição vital que o Segundo Concílio do Vaticano ocupa na mente do clero católico. Talvez nada do que tenha ocorrido nos dois últimos séculos tenha excitado tanto a imaginação do mundo religioso como este importante concílio na cidade de Roma. E como arautos da grande mensagem profética de Deus não devemos deixar de discernir sua significação.

Durante mais de um século os adventistas têm pregado que o Papado iria assumir novamente a liderança mundial e tornar-se a influência dominante entre as nações. Pudemos fazer isto por causa da clara palavra profética. E diante de nossos próprios olhos concretizam-se as coisas preditas por nossos antepassados.

Roma, a cidade onde o antigo paganismo e o cristianismo se misturaram tão singularmente, sempre têm prendido o interesse do estudante da História. Esta foi a minha décima visita. Foi no início de 1930 que cheguei pela primeira vez a esta grande metrópole. As impressões obtidas então jamais se apagaram de minha memória. Mussolini ascendia então à preeminência mundial, não somente como o homem-forte da Itália mas como uma figura dominante na Europa. Apenas um ano antes de minha chegada a Roma, ele desempenhara uma parte vital na criação do Estado do Vaticano, que novamente deu soberania à Santa Sé e pôs fim ao longo mas voluntário aprisionamento dos papas.

Por mais de um século e meio a Igreja Católica estivera sujeita a uma série de humilhações; a maior das quais, naturalmente, ocorreu quando o papa Pio VI foi prêsno em 1798 e morreu no exílio. Isso parece ter precedência sobre a maioria dos outros eventos em nossa opinião, porque também marcou o início do “tempo do fim” em nosso sistema de interpretação profética. Acontecimentos posteriores, no entanto, causaram modificações maiores ainda. Em 1860 foi

confiscada a maioria dos Estados Papais, deixando a igreja praticamente com nada mais além de Roma. E ela estava destinada a sofrer ainda mais perdas. Sob a liderança de Garibaldi a Itália foi unificada e o único Estado Papal restante, a cidade de Roma, deixara de existir. Além disso, alega-se que 90 por cento dos edifícios da igreja também se tornaram propriedade do Estado. Um estranho ambiente, sem dúvida, para a convocação de um grande concílio da igreja. Mas em 1870 Paulo III reuniu o Primeiro Concílio do Vaticano.

Desde o Concílio de Trento não se convocara um concílio assim. Sob a pregação dos grandes Reformadores Protestantes o Papado fôra severamente ferido pela Palavra de Deus. A interpretação das Escrituras pelos Reformadores, sua insistência em que só a fé era suficiente para a salvação, sua declaração de que o “Papa era o Anticristo” e de que muitas de suas doutrinas eram apenas “fábulas de velhas”, foram um golpe despedaçador. Para a igreja sobreviver, teria de encontrar uma resposta. Até então a doutrina Católica Romana não fôra muito bem definida. Alguma espécie de convocação era pois essencial para enfrentar os ataques destes intrépidos pregadores bíblicos. Assim os bispos foram convocados a Trento, uma cidade nas fronteiras da Itália. O papa estava ansioso por esclarecer os ensinamentos da igreja bem como refutar o ataque do Protestantismo. O concílio devia ser portanto uma Contra-Reforma.

Outro importante aspecto do concílio foi estabelecer a primazia do papa. Isto era vital. Assim, de acordo com as instruções do concílio, Paulo III preparou um *Índice de Livros Proibidos*. Tal concílio no décimo-sexto século poderia ter-se reunido em qualquer um de doze lugares diferentes. Mas trezentos anos depois, quando Pio IX desejou convocar um concílio, havia apenas um lugar em que este podia reunir-se — o Vaticano, pois parecia não restar outro lugar para o papa residir. É natural, pois, que esse concílio fôsse chamado de o Primeiro Concílio do Vaticano. Os bispos reuniram-se na Catedral de São Pedro em Roma, tal qual sucede neste Segundo Concílio do Vaticano. Entretanto, há muito mais ostentação agora do que em 1870.

Muitas coisas resultaram desse concílio há quase um século, das quais a mais importante foi a proclamação do dogma da infabilidade papal, que em poucas palavras significa que quando o papa fala *ex-cathedra* na qualidade de "Vigário de Cristo", tem a mesma autoridade como se fôsse o próprio Cristo que estivesse falando. Nem todos os bispos concordaram com isso. Havia 700 a 800 membros presentes, mas apenas 533 votaram nesta questão. No entanto, a fim de não dar a impressão de falta de unidade, e também para não complicar a situação, sessenta ou mais dos bispos que discordavam retiraram-se do concílio antes que o voto fôsse tomado.

[O pastor R. A. Anderson parou um pouco de tempo em Roma, em sua viagem para a África do Sul. A primeira parte do Segundo Concílio do Vaticano estava terminando, mas ele teve o privilégio de assistir a um discurso aos jornalistas e outros, feito pelo renomado Dr. Oscar Cullman. Os leitores acharão interessantes os seus comentários *in loco*. Os EE.]

Isso ocorreu no mês de julho. No dia seguinte irrompeu a Guerra Franco-Prussiana, o que ocasionou uma rápida terminação do concílio, pois a Europa mergulhara na guerra.

Durante os primeiros meses dessa guerra o Estado Papal de Roma foi invadido pelo exército italiano, o que resultou na terminação da supremacia temporal do papa. Aquêles que uns dias antes dirigira o grande concílio da igreja tornaram-se agora um "prisioneiro voluntário" no Vaticano. Assim a igreja sob o domínio de Pio IX foi destituída praticamente de tôdas as suas possessões terrenas. Ela, porém, imediatamente começou a reeducar o mundo. Um dos planos para isto era realizar uma série de congressos eucarísticos em muitos países. Assim a igreja demonstraria aos povos do mundo que estava crescendo em força e glória.

Eu pessoalmente assisti a um desses congressos eucarísticos. Foi realizado em Sidnei, na Austrália, em 1928. O impacto de tal demonstração sobre a população em geral foi tremendo. Isto ocorreu menos de um ano antes de ser assinada a concordata em Roma, que tornou o papa novamente rei.

Quando Mussolini subiu ao poder em 1922, ele o fez por convite do rei Vítor Emanuel II. Fazendo os Camisas Negras marcharem para dentro de Roma, marcou uma nova era na história italiana. Ao começar sua carreira como Il Duce, podia ser chamado de ateísta. Disse ele num de seus primeiros discursos: "Meu pai foi um ferreiro, ele vergava o ferro; eu irei dobrar as vontades dos homens". Então, para torná-lo mais enfático, acrescentou: "É o sangue que

move as rodas da História". Sua mãe era uma professora que orientava a mente dos jovens; seu filho, porém, estava destinado a dirigir o pensamento de toda uma nação.

A princípio ele demonstrou desdém pela igreja, removendo cruzeiros de edifícios públicos. Mas logo descobriu que se quisesse obter a confiança do povo italiano precisava fazer alguma aliança com o Papado. Alterou portanto sua maneira de agir, e logo cardeais o saudavam nas ruas. Em 1929 foi lançada a base para uma das mais significativas concordatas na História. Ao ele e o Cardeal Gaspari assinarem esse importante documento em 11 de fevereiro desse ano, dava-se um longo e visível passo em direção à recuperação da igreja.

Isto se deu no Palácio Lateran, defronte à igreja de S. João Lateran, uma das mais históricas igrejas de Roma, e onde Constantino foi batizado. O interesse mundial foi despertado e juntaram-se jornalistas e repórteres de tôdas as principais nações do mundo. Nem todos puderam testemunhar o ato em si, pois, embora a sala fôsse ampla, não podia conter a todos os que compareceram. Um repórter oficial do Vaticano, porém, relatou fielmente o que teve lugar no importante processo. Quando os preliminares tinham acabado e os homens ergueram suas penas para assinar a concordata, esta foi a notícia transmitida para o mundo: "Testemunhamos agora o movimento destas duas penas, cuja tinta sarará a ferida de cinquenta e nove anos". Palavras significativas, em especial sob o aspecto de Apocalipse 13:3. Pelo menos num sentido a ferida foi curada, pois o papa era agora um soberano, um rei entre os reis da Terra e o dirigente de um reino espiritual.

Quando o papa foi aprisionado em 1798, muitos historiadores seculares expressaram a opinião de que o Papado chegara ao fim. Tive oportunidade de realizar consideráveis pesquisas sobre isto enquanto residia em Londres, há uns trinta anos, e fiquei profundamente impressionado com o dogmatismo da maioria dos escritores de livros e jornais daquele tempo. "Este poder dominante nunca mais se levantará" era a ênfase constante que se dava. Outros homens, contudo, escreviam exatamente o contrário. Estes eram estudantes da profecia. Declaravam que embora o Papado houvesse recebido este tremendo golpe, levantar-se-ia novamente do pó e das cinzas da derrota e usurparia um lugar na liderança mundial. Não hesitavam em sua declaração. E baseavam suas conclusões nas profecias de Apocalipse e Daniel. "A ferida mortal será curada", declaravam eles, e então "todo o mundo se maravilhará após a besta".

O que parecia impossível do ponto de vista histórico era bem evidente aos olhos dos prega-

dores da profecia. "Temos assim tanto mais confirmada a palavra profética", salientavam eles. E quão maravilhosamente a profecia tem sido cumprida!

Não podemos deixar de ponderar o que ocorreu desde 1798. Consideremos apenas alguns pontos. Foi em 1854 que a igreja proclamou o dogma da Imaculada Conceição, declarando que Maria também nasceu sem pecado. Então, em 1870, numa hora de esmagadora derrota, ela proclamou o dogma da infabilidade papal; iniciando ao mesmo tempo os congressos eucarísticos. Depois, em 1929, sob Mussolini e o Cardeal Gaspari, a ferida papal foi curada politicamente. Em 1950 ela publicou o dogma da Assunção de Maria. Outros ensinamentos referentes à Virgem Maria estão em processo de esclarecimento, tais como "Maria nossa Co-Redentora" e "Maria nossa Mediadora ou Intercessora". Talvez venham a ser proclamados como dogma no atual concílio. Outro passo vital na recuperação do Catolicismo Romano é este Segundo Concílio do Vaticano, onde não há apenas 750 bispos presentes, como sucedeu em 1870, mas sim 2.600 bispos e 100 cardeais.

Ainda mais significativo é o seguinte: Conquanto a posição histórica da Igreja Católica desde a Reforma tenha sido acusar o protestantismo, a atitude presente é facilitar que "esses irmãos em Cristo" sejam admitidos a certa espécie de comunhão. Esta nova aproximação visa produzir a unidade cristã.

Pouco depois da participação do concílio, disse o papa João XXIII: "Não desejamos estabelecer um julgamento histórico, não desejamos

mostrar quem estava certo e quem estava errado; a responsabilidade está dividida. Apenas almejamos dizer: 'Unamo-nos. Ponhamos um fim a estas divisões'."

Em sua primeira mensagem pelo rádio, sua atitude conciliatória foi expressada nestas palavras: "Aos que estão separados desta Sé Apostólica amorosamente abrimos o coração e os braços". E esse é o espírito que se nota em Roma no presente. Desde o século dezesesseis, nunca foi dada a oportunidade aos que discordam do Catolicismo Romano de participar em qualquer dos concílios da igreja. Mas hoje é diferente, pois em Roma há muitos observadores protestantes oficiais, os quais, embora não participem realmente das discussões, obtêm permissão para permanecer enquanto as discussões estão em andamento, sendo até encorajados a fazê-lo. Deste modo é-lhes permitido "partilhar de todos os segredos e acompanhar os diferentes conceitos entre o catolicismo". Esta mudança de atitude é bem visível e alguns a consideram como uma "importante realização ecumênica". Além disso, há o mais amistoso intercâmbio de conceitos teológicos entre esses observadores oficiais e os intérpretes católico-romanos.

Quando o Dr. Cullman, da Igreja Evangélica Suíça e professor de teologia no mundialmente famoso seminário de Basel, fez sua apresentação perante os jornalistas e outros que quiseram estar presentes, isto marcou um ponto alto nas relações. Assisti a esta importante reunião em companhia do Dr. Rossi, secretário de liberdade religiosa e relações públicas da União Italiana. Diversos bispos estavam presentes ali.



O pastor R. A. Anderson, secretário do departamento ministerial da Associação Geral, e o Dr. Rossi, secretário do departamento de liberdade religiosa e relações públicas da União Italiana, assistem à palestra do Dr. Oscar Cullman.

Com efeito, a reunião foi tão concorrida que mal houve lugar para se ficar em pé. O Dr. Cullman expressou ao secretariado e ao concílio em geral o reconhecimento dos observadores pela cortesia e hospitalidade de que constantemente eram objeto.

“Fizeram tudo o que era possível”, disse êle, “para possibilitar-nos acompanhar as sessões do concílio, para tornar conhecidos nossos pontos de vista e para pôr-nos em contato com os Padres do Concílio e com outras personalidades de Roma.” E a fim de habilitar êsses observadores protestantes a participar de tudo, o Dr. Cullman continuou declarando como “o secretariado, da maneira mais amável, pôs à nossa disposição uma equipe de intérpretes que são deveras abnegados em sua incansável tarefa de traduzir e repetir para nós, em francês, alemão, inglês e russo, os discursos em latim dos Padres do Concílio.” Então, numa atitude humorística, salientou que “há grande diferença entre ler em latim (o que a maioria de nós pode fazer sem dificuldade) e entendê-lo ao ser falado, especialmente quando a pronúncia varia”. E com um singular sorriso que produziu o mesmo efeito em todo o grupo, disse êle: “Tenho o prazer de sentar-me perto de um padre beneditino que serve de intérprete. Há alguns anos êle foi meu aluno no Sorbona. Hoje dá-se quase o inverso; êle tornou-se meu mestre no que respeita ao latim falado. Acho, porém, que nossos intérpretes a essa altura já podem ver algum progresso em seus alunos, pois êstes agora não precisam consultá-los com tanta freqüência como no início”. Disse ainda mais: “Nós observadores ficamos impressionados com a liberdade em que os Padres Conciliares expõem suas opiniões. . . . Temos a mais completa liberdade de expressar nossas idéias e críticas. Desta maneira, em certo sentido, participamos realmente do concílio. Essas discussões começam e terminam com oração em conjunto, e, na maioria dos casos, são muito frutíferas. . . . O fato de ser possível manter uma discussão tão franca e fraternal, . . . deve ser considerado como um elemento muito positivo, e merece menção especial por parte de qualquer historiador futuro do Segundo Concílio do Vaticano”.

Após manifestar apreço por essa liberdade e hospitalidade, êste sábio concluiu dizendo: “Esperamos que as decisões do concílio, de que até agora nada sabemos, sejam inspiradas pela Bíblia. Não digo isto apenas por ser um exegeta, e como tal particularmente interessado na Bíblia, mas por o diálogo de fato ter-se iniciado entre exegetas. Hoje êle se alastrou a todos os teó-

logos. Nossa esperança é que êle não somente seja interpretado por êste concílio mas intensificado e tornado mais fácil.”

Qual será exatamente o resultado final deste Segundo Concílio do Vaticano é difícil de prever agora, porque, assim como nos círculos protestantes, também há o grupo liberal e o ortodoxo dentro do catolicismo romano, sustentando alguns a interpretação absoluta e literal da Palavra; pendendo outros para a interpretação alegórica ou para a assim chamada interpretação científica. Mas qualquer que seja a decisão final do concílio, uma coisa é certa: Esta grande reunião em Roma, que desempenha uma tão significativa função ecumênica, há de exercer uma parte importante no estabelecimento final duma religião mundial, justamente antes de nosso Salvador Jesus Cristo voltar em glória.

O rápido desenrolar dos acontecimentos indica que nos aproximamos daquele tempo em que todo o mundo “se maravilhará após a bêsta”. Quando João viu em visão o completo restabelecimento dêste poder que “recebera um golpe mortal”, disse: “O mundo todo seguiu após a bêsta em surpreendente admiração” (Apoc. 13: 3, *The New English Bible*).

Tendo sido chamados por Deus para preparar um povo que permaneça firme através da grande crise que está à nossa frente, precisamos compreender os pontos envolvidos e a importância dos eventos que ora ocorrem no mundo. Logo os habitantes de tôdas as nações serão constrangidos a tomar sua decisão, pois num país após o outro serão aprovadas leis, muito provavelmente sob o pretexto de um movimento para a paz mundial que não tolerará oposição e não dará lugar à liberdade individual. Como suceder, com os três hebreus nos dias de Nabucodonosor, aquêles que resolverem servir a Deus e adorar só a Êle bem poderão defrontar-se com um decreto de morte.

A fim de preparar um povo que se mantenha resolutamente em pé nessa crise, Deus está enviando o “evangelho eterno” até aos próprios confins da Terra. É para anunciar essa mensagem que fomos suscitados como um povo. A profecia claramente indica a parte que nos cabe no próximo futuro. Mas para ajudar nosso povo a permanecer firme nesse tempo precisamos auxiliá-lo a ver o significado dos eventos em curso. Como pregadores da Palavra profética necessitamos de clareza de visão e coragem em nossas convicções. Nunca houve hora tão propícia para a proclamação da verdade que liberta os homens. Chegámos ao reino para tal tempo como êste.



O Ministro e sua Relação para com os Anciãos Locais

HOWARD JENNINGS

Ancião de Igreja, Longview, Califórnia



A ESTABILIDADE que nossa organização denominacional adquiriu através dos anos provém em grande parte da alta qualidade de líderes que Deus tem escolhido para dirigir Sua igreja. É essencial manter fortes líderes, e apresento estas considerações com a esperança de melhorar a relação entre o pastor local e os anciãos.

Hoje, revendo meus dez anos de serviço como ancião local, é-me difícil lembrar alguma visita especificamente pastoral que me tenha sido feita em meu lar por um ministro. A visita do pastor via de regra é feita para manter o complicado mecanismo do programa da igreja em movimento, e, se bem que involuntariamente, o contato de coração a coração do ministro (como o pastor) com o ancião local (como a ovelha-guia do rebanho) é muitas vezes passado por alto.

Os anciãos locais provavelmente deveriam sentir-se elogiados por essa manifestação de confiança, pois a impressão do ministro talvez seja que somos capazes de desenvolver nossa própria resistência espiritual para enfrentar as vicissitudes da vida moderna. Deve-se levar em conta, no entanto, que há ocasiões em que algum ancião pode ter uma angustiada experiência para vencer o pecado, e é nessa hora que os vigorosos braços do ministério ungido podem prestar ajuda. Um período de oração pessoal com um ancião pode trazer à luz alguma prova ou problema pessoal na vida do ancião, que nunca seriam conhecidos doutra maneira.

Verdadeiramente, os homens que mais estimamos na Terra são os obreiros ordenados de nossa Associação. Esta declaração é feita em vista das muitas oportunidades que o ancião tem no

trabalho da igreja para conhecer as deficiências e fragilidades humanas de seu pastor.

Para compreendermos melhor a importância do atento cuidado pastoral que o pastor deve manifestar para com seus anciãos, lembro-me da ocasião em que a vida espiritual de um ancião se desintegrou, e como os pormenores do caso se espalharam desenfreadamente pela comunidade, trazendo opróbrio para a nossa fé. Estas são coisas em que raramente gostamos de pensar, preferindo olhar para o progresso na Recolta ou outras vitórias que a igreja está obtendo. Mas permanece o fato de que enquanto o mal durar neste mundo, éle de quando em quando penetrará no lugar sagrado de nossa organização. Faz parte do trabalho do ministro descobrir o início dessa desagregação espiritual na vida dum ancião, e com piedosos braços amparar o tentado oficial de igreja.

A dificuldade pode começar por condescender com demasiado frequentes excursões à praia em dia de sábado, por assistir a maus programas de televisão, ou por qualquer dos numerosos indícios de que está irrompendo alguma luta ou fraqueza na vida do ancião. A visita oportuna do ministro, no entanto, pode produzir lágrimas de profunda contrição antes que a manifestação queda em pecado ocasione causticantes lágrimas de remorso.

O próprio ministro tem algo em comum com os seus anciãos, considerando-se o esforço adicional que nosso inimigo comum exerce para frustrar a espiritualidade do homem escolhido para esta posição de responsabilidade. O ministro conhece por experiência própria a grande vigilância necessária em sua vida consagrada para não ser contaminado pelo mundo. Os anjos também o sabem e têm de passar por grande angústia quando o tentador ataca a vida de um dos líderes de Deus. Em tais ocasiões, mesmo

os seres celestiais são incapazes de ajudar, e o ministro é o único instrumento que Deus pode usar para evitar uma terrível calamidade na direção de Sua igreja.

Durante meus anos de liderança, supor-tei profundo pesar quando dois oficiais, em ocasiões distintas, incorreram em deslizes morais. Estes prezados irmãos eram aparentemente firmes em suas responsabilidades; então o horror da ignomínia os envolveu a eles e a nossa igreja. Como nosso coração se enche de afeição por esses irmãos caídos! Reconhecemos que não somente o ministro mas também cada oficial tem a responsabilidade de inteirar nossos colegas de nossas orações por eles. Deveríamos ter demonstrado mais fraternidade cristã, o que provavelmente teria evitado tal desgraça.

De fato, é estando unidos no aprisco do Mestre que nos encontramos em segurança. Nosso Mestre e Pastor declara que conhece Suas ovelhas. Assim também o ministério pastoral do pastor da igreja deve consistir em conhecer e examinar freqüentemente a ovelha-guia de seu rebanho.

Quando Jesus disse: "Apascenta as Minhas ovelhas", Ele Se dirigia aos pastores de igreja. No ambiente pastoril dum país de ovelhas, a cabeça abatida ou o pé defeituoso numa ovelha-guia são imediatamente examinados a fim de evitar a perda de um simples membro do rebanho. Ovelhas-guias em boas condições são essenciais ao pastor. Esta mesma vigilância exercida pelo ministro da igreja em favor de seus anciãos não pode ser acentuada em demasia.

Talvez o momento mais animado de minha experiência cristã tenha ocorrido há muitos anos, quando um obreiro na causa de Deus pôs os braços em volta de meus ombros de jovem e perguntou como iam as coisas comigo. Então nos ajoelhamos em oração e ele pediu a Deus que me ajudasse a ser fiel. Esse evento me é tão vívido que mesmo após quase quarenta anos eu seria capaz de achar o lugar exato no campo de vinte acres em que isto ocorreu. Lembro-me tão bem, porque foi a única vez em que sucedeu. Desde então em meus muitos anos de ativida-

des de igreja tem havido centenas de diagramas, alvos, reuniões de comissões, mas nunca mais esses breves e calmos momentos de oração particular, com a mão do ministro sobre os ombros.

Nos países da América Latina o abraço familiar é um costume nacional, quase tão popular como o aperto de mão, principalmente entre nossos irmãos. Lembro-me bem de como um adventista do sétimo dia em Chiapas, no México, ficou com os sentimentos feridos quando eu sem saber deixei de confirmar nossa apresentação por não abraçá-lo e dizer "*Hermano*" ("Irmão"). Então, por um sinal de outro irmão, estreitei o homem, e houve realmente lágrimas de afeição fraternal em seus olhos. A profunda afeição fraternal será uma das poucas coisas quase reais que levaremos conosco ao reino. Como sucede com outros frutos do Espírito, ela, porém, não pode ser adquirida num momento. Se é necessário que esta afeição exista entre todos os membros, quanto mais entre o pastor e os anciãos!

Muitas vezes o ancião local é um atarefado profissional, sendo ele mesmo um líder, e o ministro pode sentir hesitação em vencer a barreira de prestígio e dignidade — provavelmente um recepcionista ou secretário — para alcançar o coração desse ancião. Falando por experiência pessoal, descobri que qualquer cristão merecedor do cargo de ancião apreciará os breves e tranquilos momentos em que se está inclinado em oração com o pastor, quer seja num escritório ou loja, quer seja ao lado de um trator parado no campo.

Desde o início de nossa organização adventista tem-se feito menção de um "reavivamento" entre nosso povo. Outras expressões familiares são "o derramamento do Espírito Santo", "o alto clamor", "a chuva serôdia" e "os tempos de refrigério". O ponto de partida para estas experiências ocorrerem entre nós será o amor que temos uns pelos outros. Amparado pelo pastor, o ancião da igreja por sua vez amparará os outros irmãos, até que um vínculo de vigorosa afeição fraternal, um "reavivamento", nos levará juntos para o reino dos Céus.

Representar a Cristo

"A obra de todo verdadeiro cristão é representar a Cristo, refletir luz, elevar o padrão de moral, e por palavras e influência consagradas a Deus, compelir os descuidados e indiferentes a pensar em Deus e na eternidade. O mundo de bom grado eliminaria a eternidade de sua cogitação, mas eles não podem realizá-lo enquanto há os que representam a Cristo em sua vida prática." — *Selected Messages*, Vol. 1, pág. 132.

A Eloquência Disponível

R. L. WOODFORK

Pastor da Igreja de Éfeso, Nova Orleans

Que torna grande o pregador — A eloquência, o conhecimento, a pregação, a técnica administrativa, ou a piedade?

Aqui aparece uma breve exposição da necessidade de constante renovação espiritual, a qual é a única que pode controlar, dirigir e tornar frutífera toda a nossa experiência missionária.



A TRAVÉS dos anos, em nossas instituições evangelísticas tem-se dado muita ênfase a métodos, implementos e técnicas. Salientamos os importantes tópicos: Organizar para maior eficiência, escolher a melhor localização evangelística, a propaganda, como conseguir maior assistência, a importância da música etc.

Todos estes são pontos de importância capital, e todo evangelista de êxito procurará assenhorar-se deles e de outros bons métodos e técnicas que concorram para facilitar o sempre crescente programa de evangelização. Entretanto, chegou o tempo de que, em acréscimo a todas essas coisas, um reavivamento espiritual como nunca se apossou do ministério.

Uma grande e solene verdade foi confiada aos embaixadores de Deus. Eles precisam ser revestidos do poder do Espírito Santo para cumprir adequadamente com esta responsabilidade.

Muitos preocupam-se com a eloquência, elaborando esmerados discursos, que manifestam o eu mas não engrandecem a Cristo. É grande parte da verdade fica perdida e é ineficaz para transformar vidas, devido a estar faltando o poder do Espírito de Deus. Diz Ellen G. White: "A teoria da verdade sem vital piedade não pode remover as trevas morais que envolvem a alma". — *Testimonies*, Vol. 4, pág. 134. Há algo que é muito mais essencial do que um cabal conhecimento da mensagem e do que possuir inata habilidade para falar com invulgar erudição.

"Cristo apresentava a verdade em sua simplicidade; e Ele alcançava não só os homens mais elevados, mas também os mais humildes da Terra. O ministro que é embaixador de Deus e representante de Cristo na Terra, que se humilha para que Deus seja exaltado, possuirá a genuína qualidade da eloquência. Verdadeira pie-

dade, íntima comunhão com Deus, e uma diária e viva experiência e o conhecimento de Cristo, tornarão eloquente até mesmo a língua que gagueja." — *Ibidem*.

Muitos de nós deveriam pois encorajar-se. Embora não tenhamos o dom da oratória ou a fluência de linguagem que alguns outros possuem, se mantivermos íntima comunhão com Deus, se possuímos verdadeira piedade e uma diária e viva experiência no conhecimento de Deus, estará ao nosso alcance uma genuína espécie de eloquência que pode ser vista pelos homens, mesmo que não a ouçam.

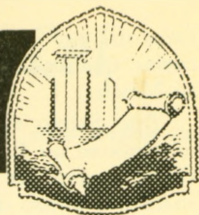
"A comunhão vital com o Pastor-chefe tornará o subpastor um vivo representante de Cristo, uma autêntica luz ao mundo. A compreensão de todos os pontos de nossa fé é deveras essencial, mas é muito mais importante que o ministro seja santificado pela verdade que ele apresenta com o objetivo de iluminar a consciência de seus ouvintes. . . .

"Precisamos de um ministério convertido; do contrário as igrejas levantadas por seus esforços, não possuindo raiz em si mesmas, não serão capazes de permanecer em pé sôzinhas." — *Idem*, pág. 315.

Cristo, Aquêlê que escolheu o ministro; Aquêlê "que conhece o coração de todos os homens, dar-lhe-á língua e expressão, para que possa proferir, no momento certo e com poder, as palavras que deve proferir. E aquêles que ficam verdadeiramente convictos do pecado, e encantados com o Caminho, a Verdade e a Vida, terão o suficiente que fazer para não elogiar e enaltecer a habilidade do ministro. Cristo e Seu amor serão exaltados acima de qualquer instrumento humano. O homem será perdido de vista porque Cristo é engrandecido e constitui o tema de reflexão." — *Idem*, pág. 316.

As aptidões e qualificações que os homens possuem por si sós não ganham almas. Se o fizcssem, muitos que agora se regozijam na luz da verdade ainda estariam nas trevas do êrro.

(Continua na pág. 21)



Cristo Nosso Senhor — I

W. E. READ

Ex-Diretor da Revista "Israelite"



NESTA apresentação consideraremos alguns vitais e importantes aspectos da filiação de nosso Senhor. Ao fazê-lo, porém, devemos sempre lembrar que muito do que gostaríamos de saber a respeito deste tema, não foi revelado. Com efeito, a questão da Divindade, bem como da Encar-

nação e muitos pontos do plano de Deus para salvar os homens pertencem à categoria de mistérios.

Escrevendo a Timóteo, declarou o apóstolo Paulo, concernente ao Verbo tornado carne: "Grande é o mistério da piedade: Deus foi manifestado em carne" (I Tim. 3:16).

Ellen G. White escreveu o seguinte sobre este assunto: "Contemplando a encarnação de Cristo na humanidade, ficamos maravilhados ante um impenetrável mistério, que a mente humana não pode compreender."¹

Isto é verdade. É impossível para a mente humana compreender este grande e glorioso tema, mas também é certo que Deus revelou algumas coisas em Sua Palavra que nos capacitam a entender, pelo menos até certo ponto, a filosofia e o plano da salvação. Lemos a esse respeito:

Que Deus assim Se manifestasse em carne é realmente um mistério; e sem a ajuda do Espírito Santo não podemos esperar compreender este assunto.²

Por outro lado, somos aconselhados a considerar esses temas:

Quando desejarmos estudar um problema profundo, fixemos a mente na mais maravilhosa coisa que já ocorreu na Terra ou no Céu — a Encarnação do Filho de Deus.³

Este é o assunto que consideraremos neste e nos artigos futuros, e significará meditar em certas expressões concernentes a nosso Salvador Jesus Cristo, empregadas na Escritura Sagrada. Expressões como "Filho unigênito" (S. João 3:16),

"o primogênito dentre os mortos" (Col. 1:18), "o primogênito de toda a criatura" (Col. 1:15), "primogênito" (Heb. 1:6) etc., serão estudadas e consideradas.

Procuraremos apegar-nos firmemente ao que Deus Se aprouve em revelar, evitando toda a especulação. Isto é vital no estudo das Escrituras Sagradas, principalmente quando se medita em temas como os que este assunto abrange.

Três Considerações Vitais

Como base para esta apresentação, retenhamos na mente algumas considerações que são fundamentais, e que precisam ser aceitas e cridas, não obstante algumas referências bíblicas isoladas que pareçam difíceis de harmonizar. Mencioná-las-emos como segue:

A Divindade de Cristo

Diversos textos tanto no Velho como no Novo Testamento salientam a divindade de nosso Senhor. Em Isaías 9:6 o Messias é chamado "Deus Forte". Os judeus antigamente reconheciam que esta passagem se aplicava ao Messias: "Tenho ainda de levantar o Messias, do qual está escrito: Porque um menino nos nasceu (Isa. 18:5)." ⁴ "Seu nome tem sido mencionado desde a antiguidade: Maravilhoso Conselheiro, Deus Forte, Aquê que vive para sempre, o Ungido (ou Messias)." ⁵

Em Jeremias 23:6 Deus o Pai chama Deus o Messias de "O Senhor Justiça Nossa". Os judeus admitiam que Jeremias 23:5 e 6 também se referia ao Messias. Lemos no Talmude: "[A respeito] do Messias — está escrito: *E este será o nome com que O nomearão: O Senhor é nossa justiça*" Jer. 23:6. ⁶

Diz o Salmo 45:6 e 7: "O Teu trono, ó Deus, é para todo o sempre".

Que isto se refere a Cristo nosso Senhor vê-se em Hebreus 1:8 e 9, onde se menciona que

Deus diz isto a Seu Filho. Além disso, verificamos que os escritos judaicos aplicavam isto ao Messias:

"Este Salmo veio a ser compreendido como referindo-se ao Rei Messias. . . . Teu trono, ó Deus, parece ser a tradução certa." ⁷ Tomé chamou a Cristo de "Senhor meu e Deus meu" (S. João 20:28), e em Romanos 9:5, Paulo diz: "E dentre quem (a descendência de Davi) apareceu o Messias na carne, o qual é Deus sobre todos." (Versão Siriaca.)

A divindade de Cristo é salientada repetidas vezes nos escritos de Ellen G. White. Lemos:

Jeová [SENHOR-YAHWEH] é o nome dado a Cristo. "Eis que Deus é a minha salvação", escreve o profeta Isaías; "confiarei e não temerei, porque JEOVA é a minha fortaleza e o meu cântico; Ele Se tornou a minha salvação." (Trad. Bras.) ⁸

Ele [Jesus] compartilhou da sorte do homem; não obstante, foi o imaculado Filho de Deus. Era Deus em carne. ⁹

O apóstolo desejava chamar a atenção de nós mesmos para o Autor de nossa salvação. Ele apresenta diante de nós as Suas duas naturezas: a divina e a humana. Aqui está a descrição da divina: "O qual, sendo em forma de Deus, não teve por usurpação ser igual a Deus". Ele era "o resplendor de Sua glória, e a expressa imagem de Sua pessoa".

Agora, da humana: "Fazendo-Se semelhante aos homens; e, achado na forma de homem, humilhou-Se a Si mesmo, sendo obediente até à morte, e morte de cruz". Ele voluntariamente assumiu a natureza humana. Isto foi um ato Seu e ocorreu por Seu próprio consentimento. Ele cobriu Sua divindade com a humanidade. Durante todo esse tempo era Deus, mas não Se apresentava como Deus. Encobriu as demonstrações de Divindade que haviam inspirado a homenagem e suscitado a admiração do universo de Deus. Ele era Deus enquanto esteve na Terra, mas despojou-Se da forma de Deus, e em seu lugar assumiu a forma e a feição de homem. Andou na Terra como homem. Fêz-Se pobre por amor de nós, para que por Sua pobreza nós tornássemos ricos. Pôs de lado Sua glória e majestade. Ele era Deus, mas as glórias da forma de Deus Ele as abandonou por algum tempo. . . .

Como membro da família humana Ele era mortal, mas como Deus Ele era a fonte de vida para o mundo. Em Sua personalidade divina, podia sempre ter resistido aos primeiros passos da morte, e recusado cair em seu domínio; mas Ele voluntariamente entregou a vida, para que ao assim fazer pudesse dar vida e trazer a imortalidade à luz. Carregou os pecados do mundo e suportou o castigo que caiu como uma montanha sobre Sua alma divina. Depôs a vida em sacrifício, para que o homem não morresse eternamente. Morreu, não porque fôsse compelido a morrer, mas por Sua livre e espontânea vontade. . . .

Que humildade foi esta! Ela causou admiração aos anjos. A língua jamais poderá descrevê-la; a imaginação não pode abrangê-la. O Verbo eterno consentiu em tornar-Se carne! Deus tornou-Se homem! Foi uma maravilhosa humildade. ¹⁰

A Preexistência de Cristo

Isto é realçado em passagens como S. João 8:58, onde Jesus disse: "Antes que Abraão existisse, Eu sou". E no capítulo 17:5 Ele orou: "Glorifica-Me . . . com a glória que Eu tive junto de Ti, antes que houvesse mundo". Lemos em S. João 1:1 "O VERBO existia no começo, e o VERBO estava com Deus, e o Verbo era Deus" (Fenton).

Cumpra notar o seguinte dos escritos de Ellen G. White:

Com solene dignidade, respondeu Jesus: "Em verdade, em verdade vos digo que antes que Abraão existisse, Eu sou".

Fêz-se silêncio na vasta assembléia. O nome de Deus, dado a Moisés para exprimir a idéia da presença eterna, fôra reclamado como Seu pelo Rabi da Galiléia. Declarara-Se Aquêle que tem existência própria, Aquêle que fôra prometido a Israel, "cujas saídas são desde os tempos antigos, desde os dias da eternidade." ¹¹

O mundo foi feito por Ele, "e sem Ele nada do que foi feito se fêz". Se Cristo fêz todas as coisas, Ele existia antes de todas as coisas. As palavras proferidas a esse respeito são tão decisivas que ninguém precisa ficar em dúvida. Cristo era Deus essencialmente, e no mais elevado sentido. Ele estava com Deus desde toda a eternidade, Deus sobre todos, bendito eternamente. ¹²

"Antes que Abraão existisse, Eu sou." Cristo é o preexistente Filho de Deus, que existe por Si mesmo. A mensagem que Ele deu para Moisés transmitir aos filhos de Israel foi: "Assim dirás aos filhos de Israel: Eu Sou me enviou a vós outros". . . . Falando de Sua preexistência, Cristo faz a mente retroceder através de séculos imemorais. Assegura-nos que nunca houve um tempo em que Ele não estivesse em íntima associação com o eterno Deus. Aquêle cuja voz os judeus então ouviam tinha estado com Deus como Algêum originado com Ele." ¹³

A Eternidade de Cristo

A evidência da natureza eterna de nosso Senhor é vista nos seguintes textos: Ele existe "desde os dias da eternidade" (Miquéias 5:2); Ele existe "desde a eternidade, desde o princípio" (Prov. 8:23); Ele é "o Alfa e o Ômega, . . . o princípio e o fim" (Apoc. 22:13).

Notai também as seguintes observações oportunas:

Desde os dias da eternidade, o Senhor Jesus Cristo era um com o Pai; Ele era "a imagem de Deus", a imagem de Sua grandeza e majestade, "o resplendor de Sua glória." ¹⁴

O Senhor Jesus Cristo, o divino Filho de Deus, existia desde a eternidade, uma pessoa distinta, e contudo, um com o Pai. Ele era a insuperável glória do Céu. Era o comandante das inteligências celestiais, e a adoração e homenagem dos anjos era recebida por Ele como prerrogativa Sua. Isto não era usurpação de Deus. ¹⁵

Há luz e glória na verdade de que Cristo era um com o Pai antes da fundação do mundo. Esta é a luz que brilha em lugar escuro, tornando-o resplendente com divina e original glória. Esta verdade, infinitamente misteriosa em si mesma, explica outros mistérios e verdades doutro modo inexplicáveis, embora esteja entesourada na luz, inacessível e incompreensível. ¹⁶

Estas três considerações são básicas e fundamentais; devem ser guardadas na memória quando se medita em tais expressões como "unigênito", "primogênito" etc. Como já vimos, várias vezes é feita alusão a Cristo, o Messias, por meio de expressões como "gerado", "unigênito", "primogênito" etc.

Em vista destas vitais e importantes verdades concernentes à divindade, preexistência e eternidade do Filho de Deus, deve ser evidente que as palavras mencionadas acima não podem ter definitiva e completa relação com o que conhecemos como nascimento ou provir da geração humana. Realçar tal conceito faria pressupor um começo; que houve um tempo em que Ele não existia; mas que chegou um momento histórico em que Ele veio à existência — tudo o que por certo entraria em conflito com as informações bíblicas de que nosso Senhor é eterno.

(Continua na pág. 21)

Diversos Conceitos Sobre a Lei

Interessante compilação de citações, feita pelo pastor Miguel Alvarez, atual diretor do Departamento de Colportagem da Associação Bonaerense.

NO Catecismo da Doutrina Cristã, explicado pelo Monsenhor Dr. Mariano Núñez Mendoza, lemos:

“Basta crer para salvar-se? Não é suficiente crer para salvar-se, pois disse Jesus Cristo: Se queres entrar na vida, guarda os mandamentos. . . . Nem todo o que Me diz: Senhor, Senhor! entrará no reino dos Céus, mas aquêlê que faz a vontade de Meu Pai, que está nos Céus.”

Em seguida é feito o comentário:

“Para salvar minha alma devo guardar os mandamentos. Para poder observá-los devo conhecê-los. Tenha-se por certo que Deus nos assiste com Sua graça, e com Sua ajuda não há um só mandamento cuja observância seja impossível. . . . Estamos obrigados a observar todos os mandamentos, sem excluir um só. Todo aquêlê que voluntariamente e com pleno conhecimento transgredir um só dos mandamentos, comete pecado mortal e merece o inferno, porque com êsse pecado deprecia a autoridade de Deus. Quem somos nós para corrigir o que Deus ordenou? . . . Quem é o homem para discutir os direitos de Deus? São falsos cristãos e se enganam a si mesmos os que têm a ousadia de deixar de lado algum dos mandamentos, dizendo: parece-me que não é necessário observar êste ou aquêlê mandamento; são exageros; essas palavras pouco valerão diante de Deus no dia do juízo. Devemos observar o que Deus manda, e não o que pensamos.” — *Catecismo de la Doctrina Cristiana*, do Monsenhor Dr. Mariano Núñez Mendoza, págs. 5, 6, 9, 10 e 12.

“Sabemos que é preciso guardar os mandamentos divinos, pondo em prática as obras preceituadas no Decálogo. . . . Os Dez Mandamentos não somente exigem uma conduta íntegra do homem, nem preceituam coisas factíveis à razão, mas os Dez Mandamentos ordenam muito mais; e o que ordenam não pode ser executado por esforço próprio ou com a ajuda da razão. Em primeiro lugar, o Decálogo, ou os Dez Mandamentos, exige que o homem tenha verdadeiro amor e temor a Deus. . . . Além disso, exige inquebrantável firmeza em Deus, . . . e em terceiro lugar, o Decálogo exige que se obedeça cegamente a Deus suportando tôda angústia e perigo mortais. . . . Somos regenerados pela fé, e também pela fé recebemos o dom do Espírito Santo, a fim de renovar nosso coração, e desta maneira fazer-nos aptos para cum-

pir a Lei.” — *A Justificação Pela Fé*, de Filipe Melancton, págs. 23, 14 e 32 (Obras Clássicas da Reforma).

O pastor batista, João C. Varetto, faz a seguinte declaração numa suposta correspondência com uma crente:

“Uma larga experiência veio demonstrar-me que a abolição da Lei é o ponto que mais devemos conhecer. . . . Se a Lei está em vigor, os adventistas têm razão; por outro lado, se, como sustentamos, o Decálogo não faz parte do nôvo concêrto, os adventistas estão de fato vencidos.” — *Refutación del Adventismo*, de J. C. Varetto, pág. 48.

Outro pastor batista, o prestigioso evangelista Billy Graham, declara:

“Deus estabeleceu o limite entre o bem e o mal, e sempre que passamos êsse limite . . . infringimos a Lei. Sempre que não cumprimos os Dez Mandamentos . . . transgredimos a Lei de Deus e somos culpados de pecado.” — *Paz com Deus*, Billy Graham, pág. 56.

Surpreendente posição do escritor batista, Carlos L. Neal:

“A Lei de Moisés, como se encontra nos Dez Mandamentos, . . . foi estabelecida para vigorar até que Cristo viesse, e por isso suas funções terminaram n'êle.” — *Evangelismo Pessoal*, C. L. Neal, pág. 135.

Alega o mesmo autor:

“Uma infinidade de católicos não sabem que existe o segundo mandamento, pois as autoridades da Igreja Papal têm tido o cuidado de deixá-lo fora do Catecismo e de outros livros populares que estão em mãos do povo. . . . Todo o mundo sabe que a Igreja de Roma, para favorecer a adoração das imagens, suprimiu o 2º. Mandamento do Decálogo, a tanto que tem tido a ousadia de pintar a Moisés segurando as tábuas da Lei, em que estão escritos os Dez Mandamentos, não como foram dados por Deus, mas sim como foram ajustados por ela mesma.” — *Ilustraciones*, C. L. Neal, págs. 231 e 232.

O escritor Domingos Fernández Suárez, metodista, especifica:

“Apenas será necessário dizer que a Lei foi dada a Israel no Sinai e a nenhum outro povo da Terra. . . . Isto de a Lei estar abolida soa de modo muito suspeito aos ouvidos até de muitos que não são adventistas. Não obstan-

te, isto é o centro de toda a discussão. Se a Lei está em vigor, os adventistas estão certos, e os que os combatem estão equivocados, porque a Lei diz . . . e o adventista pretende ou procura fazer. . . . Se não pudesse demonstrar que a Lei está abolida para mim, então iria começar a guardar o sábado e os demais pontos, porque na Lei está ordenado que sejam observados.” — *El Cristiano y la Lei*, D. Fernández Suárez, capítulos 3 e 5, págs. 37 e 55.

Argumentação do escritor Cláudio Gutiérrez Marín, metodista:

“Moisés, o grande chefe, desceu até o povo . . . abraçando contra o coração as duas tábuas de pedra em que o pensamento e a vontade de Deus acabavam de ser gravados para sempre. . . . Seu valor é divino. Cada um dos Dez Preceitos encerra em si mesmo o mais elevado e puro valor moral. Não há um mandamento maior que o outro. O Deus que ditou o primeiro, ditou também o último e todos foram escritos numa ordem perfeita. Dentro dessa ordem não há categorias morais. . . . Destarte, o caminho da Lei não somente é um, mas único, porque se baseia no amor e na sabedoria inalterável de Deus. Por isso também a autoridade da Lei atinge a todos os povos e encerra a expressão exata da consciência universal. A Lei de Deus não se aplica, portanto, unicamente ao povo judeu, mas tem força legal para o povo cristão. Cristo mesmo afirmou sua autoridade e vigência universal e eterna ao dizer: ‘Não cuideis que vim destruir a lei ou os profetas: não vim ab-rogar, mas cumprir. Porque em verdade vos digo que, até que o céu

e a Terra passem, nem um jota ou um til se omitirá da Lei, sem que tudo seja cumprido. Qualquer pois que violar um destes mais pequenos mandamentos, e assim ensinar aos homens, será chamado o menor no reino dos Céus; aquele, porém, que os cumprir e ensinar será chamado grande no reino dos Céus’. . . . Não existe, pois, escusa ou pretexto, justificação ou argúcia para desatender, tergiversar ou intentar dar à Lei mosaica um sentido acomodaticio a determinadas circunstâncias, porque o que é de Deus tem sempre valor eterno. Assim o tem compreendido o Romanismo, ao estampar íntegra e literalmente o Decálogo nas diferentes edições de sua Bíblia. Assim também o têm entendido as igrejas Ortodoxa e da Reforma, ao manterem absoluta fidelidade na tradução dos Dez Mandamentos em suas Bíblias autorizadas. No capítulo 20 do livro de Êxodo encontram-se as palavras exatas dessa Lei divina e, quem desejar recrear seu espírito com a maravilha de seu conteúdo, ali deve ir para encontrar a verdade de Deus . . . mas . . . não basta transcrever literalmente as palavras de Deus. É preciso, além disso, ensiná-las assim às pessoas com retidão de pensamento e de coração. . . . O Romanismo apresenta ao povo crente e incrédulo os Dez Mandamentos da Lei de Deus espantosamente triturados. Não em sua Bíblia, mas sim em seus múltiplos Catecismos destinados ao ensino popular da fé cristã. Nesses Catecismos, autorizados pela censura romana, não aparece o segundo mandamento da Lei de Deus.” — *Errores Fundamentales del Romanismo*, C. Gutiérrez Marín, págs. 12, 15, 16 e 17.

Extremos Censuráveis

(Continuação da pág. 4)

observar a colocação pronominal e não me preocupou com a propriedade das proposições, considerando indigno que as palavras do celeste oráculo se submetam às regras de Donato (o gramático).”

Jamais a beleza e o brilho da mensagem do evangelho deveriam ser ofuscados pelos solecismos e barbarismos de um negligente mensageiro. Portaador da melhor mensagem, deve o pregador apresentá-la com a melhor linguagem.

Paulo, o evangelista das nações, tão apreciado por sua notável erudição e por sua simplicidade na exposição dos grandes princípios do evangelho, não era infenso à cultura ministerial. Ao contrário, exortando ao jovem ministro Timóteo, escreveu: “Convém pois que o bispo seja . . . apto para ensinar.” É um pouco adiante, nesta mesma epístola, ele acrescentou: “Persiste em ler . . .”

Ele mesmo não foi indiferente ao manuseio dos bons livros pois em sua última carta a Timóteo, ele solicita: “Quando vieres traze a capa que deixei em Trôade, em casa de Carpo, e os livros, principalmente os pergaminhos.”

Concluindo, dois são os males a evitar na pregação da mensagem redentora.

De um lado, o perigo do exibicionismo pretensioso de conhecimentos acadêmicos. Do outro lado, a ausência de preparo, a mediocridade, a ignorância.

Dois extremos censuráveis.

No meio termo está o caminho da virtude!

Princípios Básicos . . .

(Continuação da pág. 23)

*na de submeter-se ou não às condições; todavia a certeza da profecia não é de modo algum prejudicada, pois que uma ou outra alternativa — recompensa ou castigo — certamente irá ocorrer. — *Questions on Doctrine*, págs. 205-210.*

EVANGELISMO - Almas para Deus



A Espôsa do Evangelista*

LILLIAN HANDYSIDES

Espôsa de Ministro, Londres, Inglaterra



ESTOU contente por encontrar-me convosco esta noite e por termos a oportunidade de considerar o assunto: A espôsa do Evangelista. Trabalhei durante vinte e três anos ao lado de meu marido, assim talvez possa transmitir-vos uma ou duas idéias que vos sejam úteis.

Antes de mais nada, gostaria de dizer que considero que cada ministro é ou deve ser um evangelista. Quer seu trabalho seja o evangelismo público, quer seja a Voz da Profecia, as campanhas da igreja ou visitar as pessoas, deveria realizar a obra de um evangelista, e todo esforço deve ser envidado para ganhar almas. Todo verdadeiro ministro é um ganhador de almas.

Pensemos na ocasião em que pela primeira vez nos encontramos com nosso espôso. Já consideramos a grande responsabilidade e honra com que êle nos distinguiu, convidando-nos a compartilhar de sua vida? Todos sabemos que o chamado para o ministério é o mais elevado que possa haver, e é Deus quem o faz.

Nossos esposos entregaram a vida a Deus, dedicando os talentos e o tempo à Sua obra. Portanto, nós que fomos escolhidos por êles para participar de seu trabalho, também devemos dedicar e consagrar a vida à mesma causa. Cumpre que tenhamos o mesmo desejo de salvar almas para o Mestre, o que constitui a maior aspiração do verdadeiro evangelista. Ellen G. White diz-nos que não podemos realizar obra mais elevada do que conduzir almas a Cristo.

Recordo-me bem do primeiro lar que meu marido e eu estabelecemos. Logo que atravessamos o limiar da porta, pusemos as malas no chão, ajoelhamo-nos diante do trono da graça

e dedicamos a vida e o lar ao Senhor Jesus Cristo. Fizemos isto em todo lar que tivemos, e foram doze ao todo. Creio firmemente que esta é a principal razão por termos sido tão maravilhosamente abençoados.

Como espôsas de ministros adventistas, devemos lembrar-nos de que nos associamos com nosso marido e com Deus, e que essa sociedade deve ser bem sucedida e proveitosa.

Amiúde ouvimos os obreiros mais novos falarem do encanto do evangelismo. Eu às vezes sorrio disto. Não conheço o encanto, mas o trabalho difícil e as noites sem dormir, relacionadas com êle. Sei também que, a não ser que tivéssemos certeza de que Deus estava conosco, jamais poderíamos continuar na obra. Precisamos aprender a confiar completa e inteiramente no Senhor; pois do contrário, como podemos pôr-nos diante do povo e apresentar esta mensagem? Em nossa própria força nada podemos fazer, mas com Deus tudo é possível.

Presumo que muitas de vós e vossos maridos logo estareis ingressando na obra denominacional, e quer vosso marido comece numa pequena campanha na igreja, quer num salão público, êle precisará de todo o auxílio que lhe possais prestar. Já notastes que quando um nôvo ministro chega à igreja, o povo geralmente pergunta: "Onde está sua espôsa?" "Como é ela?" Assim podemos ver que somos muito observadas.

Tenho ficado surpresa com algumas das observações que ouvi a respeito de alguns de nossos obreiros e suas espôsas. Por esta razão creio que devemos ser muito cuidadosos em não ofender ou de qualquer maneira servir de pedra de tropeço àqueles que nos rodeiam. Pôsto que Deus nos tenha chamado para Sua obra, nunca devemos pensar que somos melhores do que as outras pessoas. O orgulho é um terrível pecado e pode trazer grande desencorajamento aos membros a quem temos de servir. Há muitos mara-

* Palestra proferida a um grupo de estudantes de evangelismo, no Colégio Newbold, Inglaterra.

vilhosos e consagrados membros que podem ser feridos por orgulhosos ministros e espôsas de ministros. Nunca devemos adotar a atitude do "Sou melhor do que tu", dando a entender que somos provenientes de outra classe social, ou possuímos melhor educação etc.

Precisamos cooperar com nosso espôso para manter as normas da igreja. Não podemos transigir. Ou somos a favor da verdade, ou contra ela. Ou levamos os outros para mais perto de Jesus, ou os afastamos. Que responsabilidade é a nossa!

Desejo dizer que o mais essencial em nossa vida é que sejamos mulheres de oração. Se mantemos íntima comunhão com Deus, isto será visto e sentido em nossa vida. A piedade não é algo que assumimos; mas sim algo que vivemos e sentimos. Julgo que cada uma de nós compreende que é um grande privilégio ser espôsa de ministro, mas a responsabilidade é maior ainda, pois podemos favorecer ou prejudicar o êxito de nosso espôso. Quantas vêzes ouvimos dizer: "Oh, êle é bem sucedido por causa da espôsa, ou êle é bem sucedido apesar da espôsa".

Pensemos agora nas séries de conferências e nossa parte nelas. Quer a série seja grande ou pequena, antes que seja iniciada e o evangelista suba à plataforma, muito trabalho difícil tem de ser feito. Em virtude de sermos humanos, haverá muita ansiedade, e é aqui onde nossa bondosa compreensão é vital. Sei que há pessoas que dizem nunca ficar preocupadas. Essa é uma boa atitude, mas às vêzes aquêles que dizem nunca preocupar-se, também nunca trabalham. Estais lembrados de que Cristo turbou-Se dentro de Si mesmo em diversas ocasiões, e sabemos muito bem que as melhores apresentações musicais via de regra são as dos concertistas que se sentem nervosos. Devemos ter em mente, no entanto, que Deus Se interessa muito mais do que nós na obra de salvar almas. Êle nos ajudará em tôdas as ocasiões.

Outro importante fator que jamais devemos passar por alto, é que podemos arruinar o trabalho de nosso espôso por sermos imperiosas e intrometidas. Às vêzes uma senhora acha que possui mais inteligência que o marido. Talvez seja assim, mas nunca convém fazer-lhe ver isso. Trabalhai juntos em amor e unidade, sempre lembrando que o marido é o chefe da casa.

Em tôda a preparação para as reuniões, como imprimir convites, enviar correspondência etc., devemos tomar a iniciativa das atividades. Incentivareis os membros da igreja com a vossa fidelidade neste trabalho.

Se a série tem de ser realizada na igreja, e se não há uma diaconisa de confiança, deveis providenciar para que a igreja esteja limpa e

bem arrumada. As cadeiras devem estar em ordem, os tapêtes limpos e livres de extremidades esfaceladas, as toalhas da mesa (se ainda em uso), asseadas e colocadas apropriadamente. Tudo deveria ser característico de nossas elevadas normas e vocação.

Se não houver alguém capaz de arranjar as flôres de maneira especial, por que não estudar a arte e fazê-lo vós mesmas? Algumas lições sôbre a arrumação de flôres bem compensam um pequeno gasto.

Certificai-vos de que o púlpito ou a plataforma tenham aspecto atraente. Se um salão público é usado para as reuniões, visitai-o com vosso marido no domingo pela manhã. Examinai pessoalmente a colocação das flôres, a arrumação da plataforma, tirai o pó do piano e das cadeiras, e fazei tudo o que dum modo geral seja necessário.

Nós costumamos chegar ao salão pelo menos uma hora antes do tempo marcado para o início da conferência. Aprendi a nunca fazer meu marido esperar. É de capital importância que tudo esteja perfeitamente pronto para a reunião. Até mesmo os mais experimentados evangelistas podem sentir um "frio" no estômago na primeira noite, e como espôsas sensíveis, podemos aprender a ser afetuosas e dispostas a tudo fazer para que as coisas corram calmamente, aliviando assim as responsabilidades de nosso marido. Provavelmente sereis os primeiros a chegar ao salão e os últimos a sair. Aprendei a esperar cortêsmente. Tenho visto algumas espôsas impacientarem-se após poucos minutos de espera. É escusado dizer que as duas que tenho em mente por fim persuadiram os esposos de que o ministério não era sua vocação.

Se sois a única auxiliar de vosso marido, podeis ocupar o lugar da instrutora bíblica e ficar à porta cumprimentando o povo. A afabilidade, um cordial sorriso e um forte apêto de mão podem fazer coisas maravilhosas. Todos correspondemos aos sorrisos — experimentai e vêde. Além disso, não devemos esperar que as pessoas venham falar conosco, mas sim aproximar-nos delas e falar-lhes. Talvez digais: "Bem, isto está muito certo para ela, mas eu sou tímida". Podeis não acreditar, mas o mesmo sucede comigo. Sei, porém, que com um pouco de esforço e o desejo de olvidar o eu, podemos transmitir vivacidade e ânimo às pessoas com que nos comunicamos.

Os acomodadores e as acomodadoras geralmente cuidam das pessoas que chegam ao salão, indicando-lhes onde devem sentar-se. Mas a espôsa do ministro fará bem em estar alerta, e se alguém não parece sentir-se bem, ela com discrição pode solicitar que um dos acomodadores atenda essa pessoa.

Então há o problema que surge quando as crianças perturbam a reunião. Que fazer? Deixar que nosso espôso se debata em meio aos gritos e que o povo fique irritado pelo distúrbio? Não; nós prontamente nos oferecemos para levar a criança para fora — até isto é um serviço para Cristo. Devemos estar dispostas a fazer tudo o que está ao nosso alcance para promover o crescimento de nossa obra.

Só podemos erguer a norma à altura em que nós mesmos a cumprimos. Não é o que eu digo que importa; é o que eu faço que influencia as pessoas. Se esperamos que nossos membros sejam diligentes no trabalho, então nós também devemos ser diligentes. Se queremos que tenham espírito missionário, é preciso que nós tenhamos espírito missionário. Como podemos esperar que os membros e as pessoas interessadas assistam aos cultos, se nós deixamos de estar presentes?

Embora devamos usar nossos talentos para o Senhor, nunca devemos impelir-nos à frente daqueles na igreja que podem ser úteis. Se há alguém competente para tocar o órgão ou o piano, animai essa pessoa a fazê-lo. Talvez toqueis muito bem, mas se alguma outra pessoa pode fazê-lo satisfatoriamente, ficareis livres para realizar outros deveres necessários.

Outro ponto: Adestrai-vos para animar outros que trabalham para o Senhor. Não é preciso haver adulação, mas um sincero "Muito obrigado por aquela boa pregação" satisfaz uma necessidade. Uma palavra de apreço pelo esforço realizado fará com que os outros efetuem o seu melhor. Afinal, não gostais que se vos diga que fizestes bem um trabalho? Nestes dias as pessoas morrem por falta de amor. Arcam com pesadas responsabilidades, freqüentemente estão solitárias, às vezes desanimadas e desesperadas. Certamente cabe-nos o privilégio de aliviar essas responsabilidades e encorajar os tristes e desanimados.

Não hesiteis em demonstrar hospitalidade no lar — as pessoas não se interessam tanto no que lhes dais para comer, mas sim na alegria de saber que têm em vós uma amiga digna de confiança. Nossos lares devem ser lugares de real felicidade, limpos, aseados e esteticamente arrumados. As refeições devem ser simples e deliciosamente servidas. Devemos estar preparadas para receber visitas em qualquer ocasião, sem sentir-nos embaraçadas.

Agora uma palavra acêrca da aparência pessoal. Lembremo-nos de que isto tem muito valor para as pessoas do mundo. Não devemos ser escravas da moda, nem tampouco seguir o estilo do tempo de nossas avós. Uma pessoa desalinhada não representa bem o povo de Deus.

Tanto o evangelista como a espôsa devem "adorar" o ministério.

Como espôsas de evangelistas, devemos pôrnos ao lado de nosso espôso, orando diariamente por sabedoria e orientação para manter o padrão que Deus nos designou. Como companheiros, participamos das tristezas, dos encargos, dos temores, dos desapontamentos e das responsabilidades do ministério, mas também desfrutamos as alegrias, a felicidade, os encorajamentos e as sensações que oferece, e na volta de Jesus ouviremos o "Bem está, servo bom e fiel. . . Entra no gozo do teu Senhor".

Cristo Nosso Senhor — I

(Continuação da pág. 16)

Nos artigos que seguem, estudaremos as expressões "primogênito", "unigênito" etc. Daremos atenção a estas palavras, não somente como são traduzidas em nossa língua, mas também examinaremos o seu significado na língua em que o Nôvo Testamento foi escrito originalmente.

REFERENCIAS

1. *Signs of the Times*, 30 de julho de 1896.
2. *Review and Herald*, 5 de abril de 1906.
3. *The SDA Bible Commentary*, Comentários de Ellen G. White, sobre Fil. 2:5-8.
4. *Midrash, sobre Deuteronomio 1:20*.
5. J. F. Stenning, *Targum of Isaiah*.
6. *The Talmud Baba Bathara* 75 b.
7. A. Cohen, *The Psalms*, págs. 140 e 141.
8. *Signs of the Times*, 3 de maio de 1899, pág. 2.
9. *O Desejado de Todas as Nações*, (3ª ed.), pág. 228.
10. *Review and Herald*, 5 de julho de 1887, pág. 417.
11. *O Desejado de Todas as Nações*, (3ª ed.), págs. 353 e 354.
12. *Review and Herald*, 5 de abril de 1906.
13. *Signs of the Times*, 29 de agosto de 1900, pág. 2.
14. *O Desejado de Todas as Nações*, (3ª ed.), pág. 13.
15. *Review and Herald*, 5 de abril de 1906.
16. *Idem*.

A Eloquência Disponível

(Continuação da pág. 14)

Os homens que Cristo escolheu não eram todos indivíduos de grande talento ou oradores eloqüentes. Eram homens humildes. Estavam dispostos a submeter-se a Cristo e almejavam uma diária e viva experiência nas coisas de Deus. E tornaram-se eloqüentes ganhadores de almas.

O mundo hoje necessita de homens que estejam dispostos a consagrar a vida e os talentos a Deus. Homens que se humilharão a si mesmos para que Deus possa ser exaltado e eles possam ser dotados desta genuína espécie de eloqüência. Então nos tornaremos poderosos instrumentos nas mãos de Deus para a terminação de Sua obra.

Permita Deus que cada um de nós receba esta grande bênção!

Os Adventistas do Sétimo Dia Respondem a PERGUNTAS SÔBRE DOCTRINA

Princípios Básicos de Interpretação Profética

Pergunta 22

Quais são os ensinamentos básicos dos adventistas do sétimo dia a respeito das profecias inspiradas da Bíblia? Em que e por que diferis dos pós-milenialistas e futuristas? Que dizeis acerca das profecias do “reino” e da restauração dos judeus? Por que discordais da interpretação dos pós-milenialistas e futuristas? Por obséquio, sede explícitos.

Três coisas impressionam profundamente o estudante da profecia ao examinar êle o testemunho dos séculos: (1) O imutável propósito de Deus (Isa. 14:27); (2) Sua divina preciência (Isa. 46:10; Atos 2:23) e a inspirada revelação do delineamento das épocas por meio dos profetas bíblicos da antiguidade (Amós 3:7); e (3) Sua infinita paciência com os obstinados seres humanos que não correspondem ao objetivo que Êle tem para com êles.

Quanto às grandes profecias gerais da Escritura Sagrada, os adventistas do sétimo dia crêem que elas são uma divinamente inspirada descrição dos séculos. Grande parte de nossa interpretação de profecias dessa espécie não se originou conosco. Baseia-se nas descobertas de muitos dos mais piedosos e eminentes sábios de várias seitas através dos séculos. Nós, bem como a igreja primitiva, sustentamos que o cumprimento profético deve ser buscado nos eventos históricos, e na História encontramos um progressivo e contemporâneo reconhecimento das sucessivas épocas e dos principais cumprimentos do esboço profético.

Como a maioria dos expositores desde os primeiros Pais da Igreja até os tempos modernos, cremos que as potências mundiais das profecias de Daniel foram os impérios Neobabilônico, Medo-Persa, Grego (Macedônico) e Romano; que Roma não deveria ser seguida imediatamente por um quinto império mundial, mas sim dividida num certo número de reinos fortes e fracos; que o cumprimento dessa desintegração verificou-se no quarto e quinto séculos; que isto deveria ser seguido pelo aparecimento de um poderoso anticristo; e que o anticristo por sua

vez seria destruído por ocasião do Segundo Advento, que será acompanhado pela ressurreição literal dos justos mortos, e pela prisão de Satanás durante o milênio; e que o milênio então será seguido pelo eterno reino de Deus.

Nós, bem como o faziam muitos líderes da Reforma, cremos que a divisão de Roma nos dez reinos que representam as várias nações da Europa foi seguida pelo anticristo papal, como o predito poder dominante da Idade Média (Ver pág. 336). Por conseguinte, mantemos o ponto de vista histórico da profecia. Rejeitamos o futurismo e o preterismo não apenas porque ambos os sistemas foram inventados pelos católicos romanos na Contra-reforma, para combater as opiniões protestantes, mas porque achamos que estas interpretações estão em desarmonia com as especificações das Escrituras. Também não aceitamos a tese do pós-milenialismo, agora amplamente desacreditada, de um gradual melhoramento do mundo e de vindoura paz universal num reino de Deus feito pelo homem. Os adventistas do sétimo dia crêem que a única esperança do mundo é o pessoal e premilenial segundo advento de Cristo, que, pelo estudo da profecia bíblica, achamos estar iminente, mas para o qual *não marcamos data alguma*.

Cremos que as profecias simplesmente formam a base para a grande atividade redentora de Deus, centralizada nos dois adventos de Cristo. A primeira vez Cristo veio para viver entre os homens como o Imaculado, e para morrer como o todo-suficiente, vicário e expiatório sacrifício pela redenção da raça perdida. E Seu ministério sacerdotal no Céu cobre o período entre Sua ascensão e Seu segundo advento co-

mo Rei dos reis, para ajuntar os remidos e acabar com o trágico domínio do pecado.

1. Concepções Adventistas da Profecia

O assunto da profecia e do cumprimento profético é por demais extenso para ser tratado adequadamente aqui. A resposta, pois, restringir-se-á aos pontos que parecem ser mais aplicáveis aos tópicos considerados nestas perguntas e respostas.

1. *Classificação das Profecias Bíblicas.* — A palavra “profecia” tanto significa predizer como expor; um profeta expõe a mensagem de Deus, transmitindo reprovação, correção e instrução ao homem; às vezes também prediz eventos imediatos ou futuros, anunciando antecipadamente o desenvolvimento do propósito divino, ou o que ocorrerá na realização de certas circunstâncias.

Ocasionalmente o profeta era chamado “vidente”, significando alguém que vê com visão sobrenatural. Às vezes a mensagem de Deus é transmitida oralmente ao profeta; outras vezes, por meio de ilustrações, em visão. Mas quer o profeta ouça ou veja a mensagem de Deus, êle a expõe como palavra divina, e não dos homens. “Porque nunca jamais qualquer profecia foi dada por vontade humana, entretanto homens falaram da parte de Deus movidos pelo Espírito Santo” (II S. Ped. 1:21).

A profecia pode ser classificada de diversas maneiras:

Pelo *conteúdo*, em —

- a. Mensagens éticas de reforma para contemporâneos, como por meio de Elias, Jeremias;
- b. Predições, em que amiúde ocorre o elemento ético, como por meio de Isaías, Jeremias, Daniel.

Pela *forma*, em —

- a. Profecias imediatas ou de curto alcance;
- b. Profecias figurativas ou simbólicas;
- c. Profecias interpretativas;
- d. Parábolas proféticas.

Quanto ao *alcance*, em —

- a. Profecias imediatas ou de curto alcance;
- b. Predições sobre remotos eventos isolados;
- c. Profecias expositivas de longo alcance, cobrindo extensos períodos;
- d. Profecias de dupla aplicação (imediate e futura; ou literal e figurativa).

Quanto ao cumprimento, a profecia pode ser dividida pelo menos em três categorias:

- a. Predições de intenção divina (independentes do querer ou desígnio humano);

b. Predições de presciência divina (predizendo as ações humanas);

c. Predições de recompensa ou castigo divino (condicionais às boas ou más ações do homem).

Às vezes pode ser difícil dizer com precisão se determinada profecia pertence a esta ou aquela categoria, mas tôdas as três classes de profecia são certas, se bem que de maneiras diferentes.

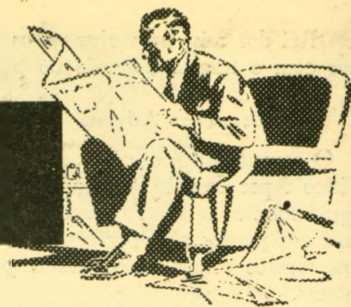
2. *Cumprimento Dessas Três Espécies de Predições.* — Exemplos de predições dessas três últimas classes tornarão isto claro:

As profecias da *primeira classe* (o imutável propósito de Deus) incluem, por exemplo, a predição divina de que Cristo iria morrer pela salvação do homem, e que o universo finalmente será purificado do pecado. As profecias desse tipo *precisam* ocorrer, pois são uma afirmação do eterno propósito ou desígnio de Deus, de fazer algo independentemente da vontade ou das ações do homem.

As profecias da *segunda classe* (presciência) incluem as predições da traição e crucifixão de Jesus. Esta espécie de profecia *será* cumprida, devido a que Deus não pode enganar-Se em Sua presciência. Em Sua onisciência, conhecendo “o fim desde o começo”, Êle estava ciente de que homens ímpios iriam trair e crucificar a Jesus, mas as predições não forçaram qualquer deles a pecar. Embora a profecia possa predizer “o que a presciência de Deus vira que iria ocorrer”, contudo, como disse um de nossos mais representativos escritores, “as profecias não moldam os caracteres dos homens que irão cumpri-las. Os homens executam sua própria e livre vontade.” — ELLEN G. WHITE, em *The Review and Herald*, 13 de novembro de 1900, pág. 721.

As profecias da *terceira classe* (as que indicam recompensa ou castigo) são exemplificadas pela dupla predição de Jeremias (cap. 17) a respeito da permanência ou destruição de Jerusalém. Além disso, podemos dizer que as predições dessa espécie também são certas, mas dum modo diferente: É certo, por exemplo, que um homem experimentará *ou* a recompensa *ou* o castigo predito. Se êle cumprir as condições para receber as bênçãos, as penalidades não serão infligidas; por outro lado, se êle incorrer no castigo indicado, as alternativas predições de bênçãos não serão cumpridas. O resultado está condicionado à escolha que o homem faz do bem ou do mal. Assim quando Deus profere quaisquer predições — promessas ou ameaças — ao mesmo indivíduo ou nação, é óbvio que, na própria natureza do caso, uma predição de recompensa ou castigo pode ser ou não cumprida, dependendo da liberdade da vontade humana. (Continua na pág. 18)

NOTÍCIAS - Da Imprensa



Para Combater a Propaganda do Fumo

O PRESIDENTE da Convenção Batista Americana, Dr. Benjamim Browne, disse que os membros da igreja devem arregimentar-se para apoiar um funcionário de emissora que se oponha à propaganda do fumo pelo rádio e televisão, designada a incentivar os jovens a fumar cigarros. "A esmagadora evidência agora é que as sementes do câncer pulmonar são lançadas pelo fumar cigarros", afirmou ele. Também relatou que na Inglaterra está sendo considerada uma lei que proíba os jovens entre os treze e vinte anos, de fumar. "Não devemos permitir que os anunciantes e os abutres da cultura sejam os formadores de opinião da América", advertiu ele. O Dr. Browne disse que todos os membros da igreja devem prevalecer-se das colunas das "cartas ao redator", nos jornais e revistas.

Atacando a Tradução da The New English Bible

T. S. Eliot, famoso dramaturgo e crítico, atacou a escrita e as traduções na *The New English Bible* (Nova Bíblia Inglesa), chamando-as de "vulgares, triviais e pedantes". Num artigo com direitos reservados, escrito para *The Sunday Telegraph*, o Sr. Eliot disse que se a tradução do Novo Testamento fosse "usada apenas para leitura particular, seria meramente um indício da decadência da língua inglesa na metade do século vinte. Quanto mais, porém, ela for adotada nos cultos religiosos, tanto mais se tornará um ativo agente de decadência." Vários milhões de exemplares da *The New English Bible* foram vendidos através do mundo. Em seu artigo para *The Sunday Telegraph*, o Sr. Eliot citou muitas traduções em que supunha que ela se afastava do objetivo ou significado do Novo Testamento. Típica foi sua acusação de "literalismo" contra a tradução: "Nenhum homem pode ser escravo de dois senhores". Essa tradução, afirmou ele, "deixa de conter qualquer admoestação, tornando-se tão-somente uma ca-

tegórica afirmativa sobre a condição de escravo."

Liberdade Religiosa na Argentina

Completa liberdade religiosa para todos os crentes nesse país predominantemente católico foi garantida pelo Ministro de Relações Exteriores da Argentina, Dr. Miguel A. Zavala Ortiz, ao empossar ele formalmente um novo subsecretário para assuntos religiosos. Mencionando que a constituição da Argentina "nos obriga a defender a liberdade de culto para todas as religiões", o Dr. Zavala Ortiz declarou: "Portanto ninguém será molestado por causa de suas convicções religiosas, ou por ser descrente. Asseguramos toda a garantia às religiões, e nos empenharemos em eliminar da sociedade todo vestígio de disputas religiosas ou anti-religiosas". A declaração do ministro foi confirmada pelo subsecretário de assuntos religiosos, Dr. José Noguero Armengol, o qual afirmou que embora "o governo federal apoie a Igreja Católica Romana, isto não põe impedimento ou obstáculo às outras confissões."

Tranquilidade Dispendiosa

As pílulas tranquilizadoras parecem estar bem arraigadas na vida moderna. Cerca de 8% dos adultos da América do Norte usam-nas frequentemente. No ano passado, o total de vendas dessas pílulas foi superior a 200 milhões de dólares.

Não Estamos em Condições de Visitar Outros Mundos

Num artigo publicado na revista *Air Force and Space Digest*, o professor C. S. Lewis observa com pesar: "Não há prazer em aguardar uma reunião entre a humanidade e quaisquer outras espécies racionais", nalguma parte do universo. "Escravizaremos, enganaremos, exploraremos ou exterminaremos. Pelo menos, corromperemos essa raça com nossos vícios, e a contagiaremos com nossas doenças. Ainda não estamos em condições de visitar outros mundos."